Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Anderson Fernandes Nunes
João Gabriel de Oliveira Batista

Juventude em movimento: a importância do movimento estudantil para a formação política em ambientes educacionais não formais

Belém-Pa
2013

Anderson Fernandes Nunes
João Gabriel de Oliveira Batista

Juventude em movimento:
a importância do movimento estudantil para a formação política em ambientes educacionais não formais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob a Orientação da Profª Drª Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Belém-Pa
2013

ANDERSON FERNANDES NUNES
JOÃO GABRIEL DE OLIVEIRA BATISTA

Juventude em movimento: a importância do movimento estudantil para a formação política em ambientes educacionais não formais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob a Orientação da Profª Drª Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Data da aprovação: / /

Banca Examinadora

_____

Profª Drª Lucélia de Moraes Braga Bassalo (Orientadora)

._____

Profª Ceila Ribeiro de Moraes

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a todas as forças que movem este lugar que estamos, pois por algum motivo me encontrei junto a elas neste planeta e por isto me vejo na obrigação de agradecê-las.

Agradeço a minha mãe Selma Lucia de Oliveira Batista, que nunca mediu esforços para que eu tivesse condições de aprender, me incentivando a buscar o conhecimento, não importando a distância ou as dificuldades possíveis.

Agradeço também a meu pai de coração Miguel Ovídio Correa Batista, que foi de grande importância na minha vida, pois cumpriu de forma exemplar o papel de pai, me ensinando o valor da ética, da justiça e da verdade.

Agradeço a minha companheira Nayara do Socorro Sousa Chaves, por sua paciência diante do afastamento causado pelo TCC, me incentivando a nunca desistir, buscando sempre que possível estar ao meu lado nas horas que mais precisei de apoio e atenção.

Agradeço a Thais Macedo que mesmo fazendo seu TCC dedicou tempo à leitura do meu trabalho, me mostrando erros e mudanças a serem realizadas.

Agradeço a todos os meus amigos que fizeram parte da mina trajetória de vida acadêmica, dividindo preocupações, inseguranças, vitórias, medos, e muitas contas nos bares da cidade.

Agradeço a Ceila Moraes e Lucélia Bassalo, que me mostraram através de seus atos a diferença de um educador para um professor, pois sempre estiveram dispostas a me ouvir e discutir sobre inúmeros assuntos, me levando a novas concepções sobre educação.

E por fim faço um agradecimento especial a Anderson Fernandes Nunes, pessoa que considero como irmão, por estar presente em inúmeros momentos de minha vida fora e dentro da universidade e, por também dividir este trabalho.

João Gabriel de Oliveira Batista

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, enquanto algo além da palavra, algo atrelado a vida, uma busca pessoal, por estar vivo e poder estar aqui finalizando este árduo trabalho.

Aos meus pais, Margareth e Ademilson, pelos seus esforços para me ajudar a crescer e estudar e por se fazerem sempre presentes na minha vida. Aos meus familiares pelas solicitudes.

A todos os meus amigos que me ajudaram durante este percurso acadêmico, pelos momentos de lazer e os momentos de auxílio em trabalhos, estes determinantes durante a minha graduação. A minha namorada pelo importante apoio nos momentos difíceis até aqui.

As docentes Ceila Moraes e Lucélia Bassalo por serem referência intelectual e profissional e, aos docentes que realmente fizeram parte de minha história acadêmica.

E, por fim ao meu grande amigo e companheiro de TCC pelo convite neste importante trabalho, um desafio que, mesmo com todas as dificuldades, foi uma honra fazer parte.

Muito obrigado a todos.

Anderson Fernandes Nunes

Queria estar perto do que não devo
E ver meu retrato em alto relevo
Exposto, sem rosto, em grandes galerias
Cortado em pedaços, servido em fatias
(SAMPAIO, Sergio. *Viajei de trem*)

RESUMO

O estudo realizado trata-se de uma pesquisa sobre a compreensão da importância do movimento estudantil não só para os estudantes que estão inseridos nele, mas para um conjunto de jovens e para a formação política em ambientes não formais. Neste sentido estabelecemos como objetivos compreender de que forma as discussões do movimento estudantil contribui para o fortalecimento da construção política e formadora como resultantes de um processo educacional amplo e que se desenvolve em ambientes não escolares. Como recorte metodológico utilizamos a pesquisa bibliográfica para tratar de conceitos sobre juventude, seu papel na militância brasileira e o fortalecimento do entendimento acerca daeducação não formal. Assim, o caráter do trabalho refere-se ao processo de formação fora do espaço da sala de aula. Neste trabalho será exposto, além do conceito de juventude, um resgate da trajetória do movimento estudantil brasileiro, as formas que o jovem possui para se expressar-se no movimento e como estas atitudes geram um processo de formação não escolar. Pretendemos com este trabalho contribuir para o desenvolvimento desta discussão nos mais variados espaços, pois mesmo os sujeitos que não se dão conta deste processo formador ajudam em seu desenvolvimento. Este trabalho de cunho politico visa mostrar a sua importância nas transformações da sociedade contemporânea. Portanto, é a partir deste entendimento, que acreditamos na importância do movimento estudantil para um fortalecimento de uma melhor qualidade no processo de construção de uma educação política

Palavras chaves: Movimento estudantil;juventude e militância; juventude e educação em ambientes não formais.

ABSTRACT

The study in this research is about the importance of the student movement not only for students who are included in it , but for a group of young people for political education in non- formal settings . In this sense we set objectives were to understand how the discussions of the student movement contributed to develop the political construction and forming as a result of a broad educational process which develops in non-school environments. As methodological approach we used the literature to deal with concepts of youth, their role in Brazilian militancy and strengthening of non-formal education. The character of the work aims to understand the process of training outside of the classroom space. This work will be exposed beyond the concept of youth, a rescue of the trajectory of the Brazilian student movement , the ways that young has to express the movement and how these attitudes generate a process of non-school training . We intend this work to contribute to the development of this discussion in various spaces , because even the guys who do not realize this forming process help in it's development . This work aims to show the political slant their importance in the transformations of contemporary society . So it is from this understanding , we believe in the importance of the student movement for the strengthening of a better quality in the process of building a political education

Key words: Student movement , youth and activism , youth and education in non-formal settings .

SUMÁRIO

	INTRODUÇÂO	10
I	**O JOVEM E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: conceitos contemporâneos**	14
1.1	Afinal, o que é educação não formal?.....	14
1.2	Afinal, o que é Juventude?.....	18
II	**JUVENTUDE BRASILEIRA, PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL.....**	29
2.1	Contexto político em que se organizam os jovens universitários.....	33
2.2	A militância juvenil: a união nacional dos estudantes universitários.....	34
2.3	Desilusões com o movimento estudantil – o que acontece com os jovens após a ditadura?.....	36
2.4	Novas formas de organizações e reivindicações juvenis.....	41
2.4.1	Junho de 2013 e o movimento passe livre.....	45
III	**JUVENTUDE, PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO NO PARÁ: O MOVIMENTO ESTUDANTIL .....**	48
3.1	A “revolução militar” no Pará e a resistência dos estudantes e sindicalistas	49
3.2	O Junho de 2013 e o MPL no Pará.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		58
REFERÊNCIAS.....		61

INTRODUÇÃO

Durante vinte anos, o Brasil viveu imerso em um processo político castrador de novas ideias, novas políticas, novidades de diferentes naturezas. Militaram nos anos de chumbo aqueles que viam a luta com a única forma de mudar, aqueles que, devido a anos de opressão, não viam outra forma de vencer os militares se não através do confronto braçal e intelectual.

Hoje, os herdeiros desta história marcada por lutas, por mortes, por injustiças sociais, por desaparecimentos misteriosos, se deparam com um movimento estudantil novo, no sentido de seus membros, mas antigo em sua luta. Com a participação da juventude no processo de politização, os centros urbanos, as escolas, as universidades, as cúpulas do poder tomam outro rumo, recriam-se para acompanhar as novas reivindicações.

É evidente que dentro dos muros das instituições escolares há uma formação para o indivíduo agir na sociedade, de forma crítica ou não. Entendendo desta maneira esta micro sociedade, a escola, tem um papel fundamental para a formação do ser social, que quando trabalhado de maneira crítica, produz conhecimento. Porém quando trabalhado de maneira não crítica, torna-se um “papagaio de ideias” reproduzindo insistentemente, atitudes e vícios de uma sociedade que fecha os olhos para o que acontece ao seu redor.

Esta análise nos permite evidenciar a importância do movimento estudantil não só para os estudantes que estão inseridos nele, mas para um conjunto de jovens que ainda olham para os militantes com olhos de reprovação talvez por acreditarem tão cegamente que só se aprende em sala de aula (pensamento que perpassa geração a geração) que pararam de acreditar em si como sujeitos modificadores.

É claro que, para reverter este processo de reprodução, é preciso sair da caverna, parar de olhar para as sombras e acreditar que elas são verdades absolutas, quebrar não só uma corrente, mas desacorrentar um grupo de pessoas fazendo com que estas não sintam a necessidade de voltar a ficar presas na ignorância.

E, com este aspecto de mudança para a formação política do jovem estudante notamos que a importância deste trabalho de conclusão de curso (TCC) se dá por motivos de ordem científica pedagógica e social, uma vez que o interesse por pesquisar sobre o tema surgiu a partir de vivências dos autores em movimentos estudantis durante os seus devidos percursos na graduação acadêmica, buscando não somente entender este movimento juvenil, mas mostrar a sua importância nas transformações da sociedade contemporânea.

Portanto, é a partir deste entendimento, que acreditamos na importância do movimento estudantil para um fortalecimento de uma melhor qualidade no processo de construção de uma educação política.

Apoiados nos discursos de Freire (2011) com sua ideia de educação transformadora, em Arroyo (2011) e seus debates a respeito da importância da valorização do aprendizado dentro e fora do ambiente acadêmico, entre outros estudiosos que se debruçam a entender melhor as relações de poder/conhecer, as intermitências geracionais e sua relação com o conceito de juventude, que este trabalho se apresenta. Buscando não somente entender o processo de formação do jovem do movimento estudantil, mas mostrar a sua importância nas transformações da sociedade contemporânea.

O ser humano, de forma geral, possui a facilidade de entender e apreender o que se passa a sua volta de inúmeras maneiras, porém a que mais nos inquieta é o aprendizado por meio da interação.

Pudemos perceber durante todos estes anos que o movimento estudantil, sempre que possível, explora temas que buscam retratar, de forma direta ou indireta a realidade “não escolar”. Deste raciocínio podemos inferir que a intenção dos estudantes em movimento é buscar uma ligação íntima, seja com a pessoa que constrói o movimento ou apenas aquela que está observando.

Entretanto, algo que devemos observar é que as mediações são fundamentais para talhar os conceitos e ideias a respeito de novas concepções sobre aprendizagem. Devemos constatar que:

> Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso, somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, p.69.).

Em busca de entender, ou melhor, esclarecer certas situações que nos permeiam enquanto educadores e cidadãos. Nos questionamos em que medida a participação dos jovens e estudantes no contexto politico brasileiro inflêencia na construção de uma educação não formal?

Partindo deste questionamento, nosso objetivo neste trabalho é compreender de que forma as discussões do movimento estudantil contribuem para o fortalecimento da construção política e formadora, como resultantes de um processo educacional amplo e que se desenvolve em ambientes não escolares. Deste modo pretendemos caracterizar o que é a juventude, identificar sua participação no movimento estudantil em diferentes gerações, bem como analisar o papel formador desta que se apresenta como uma ação tranformadora, ou de outra forma, a juventude como possibilidade de construção de novos sentidos, ações e possibilidades de vida em sociedade.

A pesquisa foi desenvolvida como uma pesquisa bibliográfica, partindo do princípio de leitura de artigos, livros revistas que tratem do assunto, com foco aos materiais que falam sobre juventude, movimentos juvenis, movimentos estudantis, definições de gerações, entre outros. Tendo sempre como intenção subjacente abrir um espaço maior dentro do meio acadêmico para discursões deste interesse.

A pesquisa bibliográfica parte do princípio de que as apreensões, críticas, interpretações e conclusões acerca de uma dada realidade são registradas e sistematizadas, publicadas em livros, periódicos, revistas científicas ou outras formas de divulgação dos trabalhos de pesquisa.

E, tem como objetivo “conhecer, recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições históricas já existentes sobre determinado assunto” (VICTORIANO & GARCIA, 1996, p.21)

Deste modo os conteúdos referentes à pesquisa do primeiro, segundo e terceiro capitulo são fruto de uma investigação em que se parte da definição dos conceitos de educação não formal e juventude, para tratar do papel do jovem no período da ditadura militar brasileira e, como é seu desenvolvimento após este momento historico, nos períodos subsequentes e relacionados ao movimento estudantil.

No último capítulo será abordado o movimento estudantil no estado do Pará, como foi seu desenvolvimento histórico e reflete sobre seu papel como formador de expressivas mudanças. Neste capitulo se apresentará também o resultado da pesquisa, visando interligar os elementos apresentados nos capítulos anteriores para analisar a importância do movimento estudantil no que se refere a formação política em ambientes educacionais não formais.

I O JOVEM E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONCEITOS CONTEMPORÂNEOS

1.1 Afinal, o que é educação não formal?

Durante todo nosso processo educativo, passamos por inúmeras etapas de aprendizado. Em sala aprendemos a decodificar os códigos, nos socializamos, transformamos nosso ambiente escolar em nossa nova casa. Fora desse espaço não paramos nossas atividades, fazemos em cada parada uma nova reflexão a respeito do que vivemos e, ao levar estes questionamentos a outras pessoas vemos novas opiniões, novos olhares; mas este processo, aparentemente comum de discussão, gera um novo tipo de educação, chamada de educação não-formal. Mas para compreender como acontece esse processo é preciso se questionar de que maneira se desenvolve a educação não formal, diferenciando-a da educação formal e da informal.

Segundo Arroyo (2012), os movimentos sociais que se formaram no decorrer do século XX se desenvolveram, discutiram novas estratégias de atuação para se manifestarem, suas reivindicações se tornaram mais efetivas no ponto de vista das cobranças e atitudes dos governantes. Segundo o autor, os movimentos se constituem em um constante processo de mobilização e formação, juntando-se a outros grupos, outras classes reivindicatórias, desenvolvendo uma metodologia de formação não formal.

Gohn (2006) por sua vez, se remete ao processo de educação não formal como um aprendizado que vem do outro. Em sua interpretação, na educação formal há um professor que, de alguma forma, tenta dividir determinado conhecimento, mas na visão de seus alunos, ele seria o responsável por este papel formador. Contudo, na educação não formal, apesar do conhecimento também ser dividido, este processo não ocorre de maneira transversal, ou seja, a forma como é repassado o conhecimento específico de dado assunto é realizado por meio de diálogos, de conversas informais, e outros processos educacionais não formais.

Buscando compreender mais sobre como se caracteriza a educação não formal, diferenciá-la das outras é algo muito importante.

Ao pensar como se enquadra a educação não formal, de modo que

> O direito ao conhecimento adquire outros significados políticos. Não de acesso ao conhecimento tal como pensado na função segregadora abissal (...) pensam-se sujeitos de saberes (...) logo, conferem outros significados ao conhecimento e suas instituições como espaços de copresenças (ARROYO, 2012, p. 230)

Com esta afirmação o autor esclarece que todos os espaços de convivência, onde as pessoas estejam, por algum motivo, reunidas são também espaços de formação, onde os sujeitos tem a liberdade de expressar suas opiniões, reestruturando ideias coletivas, e concebendo novas formas de pensar.

Ao analisar a educação não formal, Gohn (2006) amplia a análise a cerca dos processos educativos. A autora demonstra que é inevitável relacionar este primeiro tipo de processo educacional, a educação não formal, com outros dois, que nomeia como educação formal e educação informal. Como ela afirma em:

> A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização na família, bairro, clube, amigos etc, carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2006, p. 28).

Diferenciando estes processos, fica mais claro fazer esta distinção entre estas formas de aprendizagem/ensino. Deste modo, evidenciada a educação não formal como a que se realiza em “processos de compartilhamento de experiências”, podemos evidenciá-la em um contexto de intencionalidade, ou seja, apesar de não ocorrer dentro de sala de aula, esta forma de educação possui um objetivo a ser alcançado.

Assim, seguindo as concepções de Gohn (2006) as mediações da educação não formal se apresentam em interações com coletivos, ou seja, neste processo de educação é necessário que exista o outro, para que o andamento deste ocorra com fluidez. Neste contexto é necessário enfatizar que como as formas de pensar mudam estas mudanças na educação não formal também estarão presentes, pois já que não possui um molde e nenhum padrão pré-estabelecido, ela é mutável de acordo com a intencionalidade do grupo em que está inserida.

> São múltiplos os espaços da educação não-formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não-formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um (GADOTTI, 2005, p.2).

Segundo o autor, é preciso perceber os vários momentos em que a educação não formal se apresenta em nosso cotidiano, assumindo papel fundamental para o desenvolvimento de nossas opiniões e conceitos sobre nosso papel na sociedade.

Nas concepções de Gohn (2006) a educação não formal não segue uma planilha, ou uma metodologia especifica, ela se molda de acordo com os debates, com as problemáticas abordadas por determinado grupo. Pode-se perceber mais nitidamente quando a autora coloca que

> Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori(GOHN, 2006, p. 5).

Fica claro, a partir das contribuições da autora, que não podemos moldar, ou tentar seguir um padrão para a educação não formal. Cada situação que aparece diante um coletivo é particular a destes indivíduos, ou seja, caso um mesmo problema apareça diante outro grupo não necessariamente este será problematizado e resolvido da mesma maneira.

Sposito (2008), ratificando as ideias já apresentadas nos parágrafos anteriores, nos conduz a pensar que é preciso não somente pensar em educação com base naquela que vemos dentro das escolas (educação formal), mas que devemos considerar de grande valia a educação que se apresenta nas relações construídas fora destes ambientes.

Pode-se evidenciar a visão do autor sobre a educação não formal quando ele fala que:

> A educação não-formal, muitas vezes, é concebida como educação permanente, pois ocorre em vários momentos do ciclo de vida juventude, idade adulta, terceira idade e a defesa dessa continuidade decorre das características atuais da vida social. Mesmo sendo reconhecida como importante, sempre pressupõe uma busca do sujeito que considera relevante construir outros caminhos para a sua formação (SPÓSITO, 2008, p. 88).

Desta maneira percebemos a importância da educação não formal como um processo de formação permanente, indissociável das nossas praticas cotidianas.

Apoiados na concepção de Sposito (2008), as experiências vividas dentro de movimentos sociais, dentro do movimento estudantil, por exemplo, se configuram de forma clara como um meio onde se apresenta a educação não formal, de forma que estes sujeitos que participam destes espaços não apenas consomem desta formação, mas tornam-se formadores. O estudante se torna porta voz de outros estudantes, que por inúmeros motivos, acreditam que a formação acadêmica (formal) é o bastante para o momento que ele está vivenciando.

Com base nestes autores, e suas percepções a respeito de como a educação não formal se apresenta, em seus mais variados ambientes, percebemos que esta forma de educar/aprender pode acontecer em qualquer ambiente, em qualquer espaço que possua uma problemática geradora, tendo como ponto principal discutir os problemas que atingem determinados grupos.

1.2 AFINAL, O QUE É JUVENTUDE?

No processo de construção da sociedade contemporânea, vários fatores influenciam para o seu desenvolvimento, seja este industrial, cultural, político, entre outros. Nesse contexto, a juventude tem papel fundamental para que ocorram as transformações necessárias nesta sociedade. Mas para entender essas transformações, precisamos entender o conceito de juventude, ou simplesmente o que é a juventude.

Silva (2010) acredita que as pesquisas sobre a juventude surgem no inicio do século XX com os estudos de Karl Mannheim, gerando o que futuramente será conhecido como “sociologia da juventude”. Estes estudos que passam por uma série de questionamentos, inclusive preocupando-se em distinguir os conceitos de juventude e geração que apesar de interligados possuem significações diferenciadas. Faz de seu trabalho a juventude atrelada à geração a qual pertença seu ponto principal.

> Foi a partir da segunda metade do século XX – com o constante crescimento do número de estudantes nas grandes cidades da Europa e da América – que iriam ocorrer as primeiras manifestações do contingente estudantil. Para Hobsbawm (1995), o crescimento do universo populacional estudantil, no pós guerra, teria implicações diretas na dinâmica desse novo grupo em ascensão e, por sua vez, na sociedade – como foi o caso do maio de 68(SILVA, 2010, p. 2).

Com esses esboços, novos nomes começam a surgir para complementar a concepção que vem sendo construída sobre a juventude, suas problemáticas geracionais, seus interesses, suas formas de organização dentre outros aspectos que a caracterizam. Bordieu e Passeron (apud SILVA, 2010) foram dois personagens importantes para o desenvolvimento desses estudos, eles mostraram uma nova organização de tempo e espaço do jovem, que se diferencia dos tempo/espaço de outros sujeitos. Estes defendem que a problemática norteadora do jovem é relativa, dado que depende do grupo ao qual este pertence e do contexto no qual esteja inserido.

Jovens pertencentes a uma mesma geração que não estejam incluídos dentro de um mesmo grupamento social apresentarão problemáticas diferentes. O jovem universitário ou aquele que está inserido dentro das escolas configuram-se em uma concepção de espaço e tempo que tem como ponto principal o universo acadêmico. Sua rotina de trabalhos e estudos estão incluídos inerentemente em sua vivência social. Diferente daqueles de uma mesma geração que não compartilham destes lócus de convívio, possuindo uma caracterização diferenciada, tanto na forma de pensar, quanto nas atitudes tomadas frente a uma mesma conjuntura social.

De acordo com Feixa (2006) a juventude pode e deve ser entendida de acordo com suas singularidades, sendo cada geração responsável por mudanças significativas, nas organizações sociais, políticas, culturais (dos mais variados tipos: cinema, moda, artes plásticas, teatro) de seu tempo. O jovem apresenta-se disposto a conhecer o diferente, estando aberto a novas ideias, tendo assim sempre a possibilidade de reinventar-se, mostrando desse modo seu potencial de transformação por não permanecer engessado e preso a concepções que merecem ser reavaliadas e modificadas para que mudanças estruturais sejam possíveis. Isso se justifica pelo processo de alterações internas pelo qual o jovem passa nesta fase da vida.

Segundo Feixa (2006) que fala sobre a origem do conceito de adolescência, remetendo-se ao inicio do século XX, e sobre os acontecimentos que marcaram o surgimento desse novo conceito, o jovem/adolescente se enquadra em uma fase de constante mudança. Não pode ser mais considerado uma criança, sendo julgado por seus atos. Seria então como uma preparação para a fase adulta, um estágio em que poucos se adaptam facilmente. A juventude mostra ser o período mais propício para grandes mudanças.

Para Silva (2010) durante o decorrer do século XX inúmeros fatos, como duas guerras, ditaduras, revoluções internacionais, a abertura da economia, contribuíram para a delimitação do que seria então a juventude. Ser jovem ainda estava ligado a um tempo de passagem marcado por inúmeras mudanças, físicas e mentais. A juventude é a protagonista de sua geração. Ser jovem é ser mutável inconformado e, é a partir dessas inconformidades que é possível perceber a força que a juventude possui quando unificada. Silva (2010) procura conceber a ideia de juventude/geração através das perspectivas de Karl Mannheim (1968), afirmando que o jovem está caracterizado pro um espírito latente, que pode ser mobilizado para um ideal.

Nas concepções de Silva (2010) o jovem mescla interesses dos mais variados tipos, procurando sempre por algo novo para ele, mesmo que este novo seja algo velho para gerações passadas. Mostra sua força quando se trata de mudanças. Força que pode ser direcionada à uma adequação de algo já existente ou para a criação de algo nunca visto.

É valido ressaltar que para Silva (2010) o jovem é fruto de uma sociedade já existente, que possui padrões de ideias, comportamentos, dogmas. Os jovens, segundo Mannheim (1968), se desenvolvem dentro de uma sociedade de acordo com as concepções que esta lhe oferece. Um jovem que nasce em uma sociedade que possui grande liberdade, como uma sociedade capitalista, tanto pode pensar em seu futuro, como pode se mobilizar das mais variadas maneiras, possuindo capacidade de transformação. Agora pensemos em um jovem que nasce em uma sociedade conservadora, este está “preso” a certos padrões de comportamento, está atrelado a uma sociedade que não está preocupada em torná-lo um ser crítico, mas que visa moldá-lo de acordo com suas tradições, em sociedades conservadoras, por exemplo, é comum ver o futuro de um jovem ser decidido por seus pais.

> Ianni relaciona o “advento político da juventude” à história do modo de produção capitalista. Para o autor, nos países que desenvolveram o modo capitalista de produção, as transformações geradas nas condições de vida dos grupos humanos possibilitaram o advento da ação política juvenil. Os movimentos radicais de países como o Brasil, Cuba, Venezuela, além de outros países da América do Sul e Europa, têm como líderes jovens que podem estar vinculados tanto as correntes políticas de esquerda quanto de direita. É preciso levar em conta que, nesta fase da vida, o jovem é imaturo e isto pode influenciar diretamente na sua escolha em relação a doutrinas políticas, muitas vezes contraditórias com os interesses de sua classe de origem (IANNI, 1962 apud SILVA, 2010, p.5).

Dentro de uma mesma sociedade, Silva (2010) afirma que, podem-se constatar grandes divergências comportamentais, gerando assim a criação de grupos, tribos, criam-se nichos onde se formam novas culturas, novas visões a respeito de sociedade e suas configurações, criando assim uma nova juventude, que através das relações que constrói pode tornar-se tanto uma geração revolucionária, quanto uma juventude conservadora.

Ianni (1962) reafirma a ideia das gerações e suas divergências, onde cada grupo configura-se em seu ambiente, falando da juventude dentro das sociedades e de que forma ela se organiza, sempre de acordo com interesses em comum. Para o autor a juventude é fruto do meio na qual está imersa, isso significa que ela terá a tendência de reproduzir atitudes que já foram tomadas anteriormente por outras gerações. Neste caso a geração jovem pode se configurar tanto em moldes conservadores, reafirmando posturas e falas de outros elementos sociais, quanto tornar-se critica, possuindo assim a capacidade de criar novas concepções e comportamentos.

Retomando o pensamento de que o jovem é fruto do meio no qual está inserido, ou seja, é filho de uma classe, deve prioritariamente defender o interesse que condiz com sua postura que o represente coletivamente, desta forma ele estará vivenciando as mudanças mais nitidamente dentro de seu espaço social, possibilitando-o assim assumir um papel critico dentro de seu meio. Nesse sentido, o autor também faz referência imaturidade do jovem, sua inconstância, já que ele concebe a ideia de que em muitas vezes a falta de experiência em certos assuntos, de cunho político ou não, as atitudes que acabam tomando, os levam a fazer escolhas que não condizem com a realidade de sua classe social.

Segundo Otavio Ianni(1962) o que se vê em muitos casos é a naturalidade na qual o jovem se acomoda frente aquilo que já está posto. O jovem que não é estimulado a pensar criticamente busca “mastigar” aquilo que já foi produzido por gerações passadas, tornando-se assim um reprodutor de ideias, ou seja, o jovem que não possui a capacidade de se transformar acaba por se reafirmar na concepção de conformista / tradicionalista / conservador.

Segundo Foracchi (1965) há uma ligação inerente entre a concepção de jovem e a concepção de classe. Podemos caracterizar uma classe de acordo com suas características e necessidades em comum, enquanto que a juventude por partilhar uma concepção transformadora, toma para si esta categoria. Mesmo que não se classifique, ou mesmo que não entenda sobre isto ela se configura dentro desta denominação.

Foracchi (1965) fala também sobre a juventude não ser somente uma geração, nem somente uma classe, afirmando que a juventude é um modo de viver, é uma concepção de vida. Os meios pelos quais o jovem se apropria para sua comunicação e discussões se renovam, grandes mídias são um dos meios que o jovem busca para reorganizar-se, buscando novas formas de se perceber enquanto jovem.

> Para a autora a condição de classe tem um destaque fundamental na compreensão das condições sociais as quais estão inseridos os estudantes na sociedade brasileira. Isto demarca também a situação privilegiada de uma parte dos estudantes brasileiros que tem acesso ao ensino superior, tendo em vista que uma outra parte (bem maior) não usufrui de tal privilégio (SILVA,2010, p.6).

Foracchi (1975) questiona a juventude enquanto plenitude de suas ações, pois para ela a juventudes e mostra mais propicia a mudanças, se destaca da maioria da população e de sua geração (jovem ou não). De acordo com a autora somente uma minoria tem propriedade enquanto protagonista da revolução, os que pertencem a uma classe privilegiada, econômica e socialmente consegue ter esta plenitude em suas ações, pois na verdade a maioria daqueles que compartilham de sua geração não possuem a mesma capacidade crítica que estes privilegiados.

A autora mostra a estruturação do movimento estudantil dentro dos espaços universitários e, segundo ela a universidade possui uma falda de capacidade em perceber seus erros enquanto instituição, não formulando uma visão critica a seu respeito. Neste contexto de “cegueira” é que entra o papel dos estudantes que estão inseridos neste meio acadêmico. É nos erros cometidos com mais frequência dentro destes espaços que os estudantes se juntam com a visão unificada de melhoria deste problema. Seja a partir de uma visão de unidade ou por simples interesse de melhorar a qualidade de sua vivência neste espaço é que o estudante se junta ao conjunto de sua geração, fazendo com que sua voz seja ouvida.

Para Foracchi (1975) esta sede de mudar, de confrontar estes que gerem sua instituição, está inerente ao desenvolvimento da juventude. O jovem por estar neste processo de desconstrução das ideias formuladas por gerações anteriores (formadas por pais, tios, diretores, entre outros) busca sua identidade, sua liberdade diante as responsabilidades alegadas a eles. Com o preceito de que o jovem deve aceitar seus papéis de adulto ele se rebela, buscando se afirmar enquanto um ser em desenvolvimento, que luta frente as crises vividas em seus espaços de interação.

Segundo Bassalo (2012) tentar conceituar o que seria ser jovem é algo no mínimo complicado, pois temos que reconhecer que suas construções teóricas são diversificadas e nem sempre se complementam, fazendo com que a visão que desenvolvemos sobre eles tenha que ser analisada com cautela, porém acreditando que todas têm grande importância na construção do que é ser jovem.

De acordo com a autora, tentar encaixar diferentes indivíduos que fazem parte de diferentes contextos históricos sociais, é algo que não irá ter uma plenitude enquanto conceito. Tentar definir o que é ser jovem caracterizaria agrupar um conjunto de sujeitos que possuem o mesmo interesse, que se atrelariam por estar não somente inseridos no mesmo tempo histórico, mas que partilhassem de uma mesma ideologia. Porém, a tentativa de formular uma definição única para elucidar o que seria a juventude é algo que irá depender do momento histórico, político e social no qual esta definição estará sendo construída.

Baseada nos conceitos de Kustrín (2007), Bassalo (2012) afirma que a ideia do que seria a juventude muda de acordo com o sexo e isto se expressa tanto na inserção ao mercado de trabalho quanto no processo de escolarização. Homens e mulheres frequentando escolas diferentes, o homem com toda sua valorização, levou a uma nítida divisão dos gêneros favorecendo com que houvesse um isolamento da mulher diante os problemas sociais. Neste período ainda houve uma quebra na visão da juventude, diante suas atitudes, pois se associava a classe trabalhadora à juventude, dos centros urbanos, à delinquência e a ideia de jovens respeitáveis fazendo com que em diferentes países da Europa houvesse uma formação de grupos juvenis que eram amparados por diferentes grupos de adultos como, por exemplo, os grupos interligados a igreja católica e, tempos depois os movimentos estudantis juvenis, dentro das universidades.

Para Bassalo (2012) vários fatores contribuíram para impactar a juventude e ajudar na construção de movimentos juvenis, o grande números de órfãos, guerras mundiais, ambientes de trabalho que eram considerados masculinos e que começaram a ser ocupados por mulheres. Todos estes elementos foram de fundamentais para a ampliação dos movimentos de jovens, a IJS (Juventude Socialista Internacional) foi um exemplo disso. Grupos semelhantes de espalhavam por todo o mundo.

> Segundo Pais (1993), que define a juventude como um conjunto social, essencialmente variado conforme as diferentes situações sociais e busca entendê-la a partir entre outras, das diferenças de classes, interesses, oportunidades ocupacionais. Esta definição considera que o principal atributo da juventude é ser formada por indivíduos que pertencem a uma fase da vida (demarcada etariamente) podendo ser considerada também “como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si” (PAIS, 1993, apud BASSALO, 2012, p. 65)

A autora afirma que os jovens estão transitando em um período de tensões, que buscam encontrar seu próprio território, vivenciando constantemente conflitos inter e intrageracionais. “a juventude é um fenômeno social que precisa ser estudado” (BASSALO, 212, p.65) caracterizado por lutas e contradições, estão imensos em uma difícil relação dentro de seu próprio grupo, e ainda com os adultos e suas formas de controle.

No intuito de entender o que é a juventude Bassalo (2012) elucida que a primeira vista, a noção de jovem na contemporaneidade presume uma caracterização enquanto faixa etária, representada no desenvolvimento biológico natural. Desta concepção há uma série de padrões que são próprios de todo jovem. Padrões de beleza, de comportamento, de socialização, entre muitos outros que se seguem ao decorres de seu desenvolvimento.

> Como signo valorizado tanto no plano da estética, quanto nas relações de mercado, o “Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico - condição para se pertencer a certa elite atualizada e vitoriosa” (KHEL, 2007 apud BASSALO, 2012, p. 65)

Neste ponto, a autora nos mostra sua concepção de desenvolvimento da imagem do jovem na construção de um pensamento a respeito deste. Juventude se torna a roda, torna-se algo buscado por todos, porém esta imagem de juventude que é vendida para a massa não condiz com a postura social tomada pela classe jovem, mediante aos conflitos que esta enfrenta cotidianamente. Conflitos baseados, tanta em suas relações com gerações anteriores, quantos os embates vividos entre membros de seu próprio momento histórico.

Na visão de Bassalo (2012) tentar abranger uma definição para poder entender o jovem é algo reducionista, que limita a idéia e o real sentido desta fase que é a juventude. Segundo a autora, a juventude tem como concepção a irregularidade, no que diz respeito aos padrões que se definem como regra a serem seguidas.

Segundo sua interpretação, há atualmente uma gama de investigações sobre o jovem e os espaços que ele preenche na sociedade como escolas, igrejas, famílias, trabalho, espaços para o lazer. Esta investigação tem colaborado para dar mais importância para os locais onde existe essa relação entre jovens, da mesma geração ou de momentos distintos, pois entende que é inerente ao jovem esta relação com a sociedade.

> Outra noção, frequentemente utilizada nos estudos sobre jovens, relaciona juventude a uma fase de disfunções e desvio, no sentido funcionalista durkheimiano (a socialização ou o processo educativo é considerado como a ação dos mais velhos sobre os mais jovens) ou no funcionalismo norte-americano (com a realização de estudos empíricos que tomam a ordem social, seus valores e normas como categorias de análise a priori) (BASSALO, 2012, p. 66).

Desta afirmação podemos inferir que toda análise feita sobre a juventude parte de uma visão em que as ações educativas surgem dos mais velhos para os mais novos. Neste trecho temos a impressão de que estes "mais velhos" são pais e mestres (em parte sim, pois estes não estão descartados), mas podemos considerar melhor a ideia de que em uma geração, em um mesmo contexto de geração/juventude, diferentes idades se confrontam e se misturam; as mais variadas experiências se apresentam e são tomadas como um desafio a ser quebrado. Essa concepção do jovem relacionado ao desvio pode ser entendida tanto pela fase de desenvolvimento biológico que estão vivenciando, quanto pela concepção do rebelde sem causa, tentando se descobrir enquanto geração/classe.

Segundo Bassalo (2012) é preciso compreender a juventude sob várias visões, buscando em cada geração perceber as mudanças que ocorrem e os pontos que não se modificam. Indica também que a juventude pode ser concebida como uma fase isenta de responsabilidades, eles não são mais crianças, porém não são cobrados da mesma forma como é cobrado um adulto. É válido lembrar também que ao se referir a falta de responsabilidade da juventude, a autora lembra que esta definição de juventude considera que o jovem faça parte de uma classe que o isenta de tais cobranças, pois sabemos que muitos jovens de classes menos favorecidas e que fazem parte de uma mesma geração possuem uma rotina de cobranças e atividades tão intensas quanto ao de um adulto.

> Outra forma de desistoricizar a juventude, segundo Quapper (2001), se refere aquela que a define hedonisticamente, delineando-a como o momento em que se pode experimentar. Este, um discurso caracteristicamente permissivo que a localiza como a idade da irresponsabilidade e, ao mesmo tempo, um discurso repressivo que estabelece limites para a experimentação. (BASSALO, 2012, p.68)

Neste trecho percebemos uma das contradições vividas na juventude, de um lado se apresenta na geração que estamos vivendo uma série de elementos como drogas, o culto pelo prazer, a liberdade sexual, elementos que dificilmente se apresentam em outras gerações. Do outro lado o estado opressor que tenta reprimir a liberdade do jovem, tentando moldá-lo para torná-lo um ser sem expressão. Nessa confusão entre liberdade e opressão o jovem em seu espírito inato de experimentação, envereda pelo proibido, pelo prazer de viver o momento presente, sem se importar com as possíveis consequências. E esse não pensar nas consequências tem a autorização dos adultos, com a desculpa de que o jovem não tem ainda a responsabilidade para tomar certas decisões.

Bassalo (2012) ainda se remete a concepção de jovem que foi criada por alguns autores na busca por entendê-los. Para estes estudiosos o jovem estaria na concepção de passagem, o jovem não é ele será um adulto no caso. É como se não pudéssemos definir o jovem, mas se ao defini-lo precisássemos o considerar com um mini-adulto. Tal pensamento é, no entanto contraposto por Bassalo (2012) quando fala que ao afirmar o jovem como um elemento que está vindo a ser algo, de fato o estamos negamos enquanto sujeito tirando, portanto sua autonomia e seu poder enquanto juventude.

Como sujeito o jovem é produtor de cultura, ele (re)produz para que ele mesmo possa consumir, para a autora

> (...) a juventude tem como marca o desenvolvimento de uma cultura juvenil. Reconhecer que jovens produzem cultura, acrescenta um sentido antropológico a juventude, pois, de acordo com Pais (1993), esta dimensão alude a "modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam certos significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível próprio da vida quotidiana" (p.55). (BASSALO, 2012, p.69)

A partir desse excerto podemos explicitar a importância da cultura (re)criada pelo jovem, no intuito de percebê-lo como sujeito ativo dentro de um contexto social. O jovem não pode vir a ser, ele já é. É cultura, é inovação, é mistura, o jovem possui uma maneira única de criar uma identidade, que embora para eles seja algo único, é para os estudiosos o que lhes definem como jovens.

O jovem, para Bassalo (2012),constitui um grupo geracional e possui inúmeros elementos que os definem desta maneira. Alguns pontos podem ser levantados a cerca disso. O primeiro ponto é que a juventude procura sempre se definir, correr atrás daquilo que a interessa, porém esta fase de juventude é finita e rápida, iniciando outro período geracional. O segundo ponto que pode ser elucidado é que o jovem se recria dentro de cada espaço que ele está inserido, em cada lugar uma forma de se apresentar. Essa mutabilidade dá a juventude uma identidade inconfundível, ser jovem se caracteriza por ter a capacidade de se modificar de acordo com seu grupo. O ultimo ponto é a rebeldia (muitas vezes sem causa alguma) que se define nos conflitos inter e intra-gerações, ser jovem é ser rebelde por natureza.

Dentro destas várias concepções apresentadas neste texto sobre o que é o jovem/juventude e, como ele/ela se define enquanto classe/geração, quais suas colaborações para o desenvolvimento da uma nova cultura, foi percebido a importância dos estudiosos que dedicaram seus esforços para entender o que seria a juventude.

Com base em tudo que foi dito anteriormente é seguro afirmar que a juventude pode ser caracterizada como um conjunto de elementos possíveis. O jovem pode ser definido enquanto geração, sendo fruto de um momento histórico comum com outros sujeitos. Pode-se também dizer que o a juventude é uma classe social, com problemas em comum.

Percebe-se também a importância de entender Juventude no meio na qual ela está inserida. Nestes variados lugares a juventude busca o auto-entendimento, busca mostrar sua identidade coletiva, construindo e sendo construída diariamente na dinâmica que os constitui como sujeitos.

II JUVENTUDE BRASILEIRA, PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

Mansan (2012) observa o processo de formação e dinamização do processo político brasileiro no período ditatorial, iniciado com o golpe em 1964 durando até o período de 1988. Nesta analise o autor se debruça sobre o desenvolvimento da construção de elementos que se firmaram durante esta temporada e ajudaram na permanência do regime militar brasileiro.

Esses elementos caracterizaram-se em geral na coerção de tudo aquilo que fugia dos padrões estabelecidos pelos militares, ou seja, toda e qualquer ação analisada pelo governo militar que não fizesse parte do conceito de moral proposto, era tomado como um ato subversivo que precisava ser punido para que não ocorresse novamente e, para servir de exemplo para outros que pensavam em ter a mesma atitude julgada “imoral”. Ações como a censura aos meios de comunicação, desaparecimentos misteriosos, prisões, exilamento de artistas e estudiosos da educação, entre muitas outras coisas, foram o meio que o governo encontrou para frear as ações daqueles que eram contra eles.

Após o golpe de 64, muita coisa foi se modificando, os atos institucionais se tornaram mais frequentes, os meios de opressão aumentaram e já não se confiava em ninguém, sempre havia o medo de estar sendo observado. No ano de 1969 o general Lyra Tavares, o almirante Rademaker e o brigadeiro Sousa e Mello (representantes do exército, marinha e aeronáutica, respectivamente), de acordo com o autor tomavam frente da liderança do país, assumindo o lugar de Costa e Silva, gravemente enfermo, dando início a um conjunto de ações que só se tornavam as ações mais contundentes, em relação aos que não apoiavam a ditadura.

Mansan (2012) nos apresenta que durante todo o período ditatorial, vários acontecimentos foram se apresentando para o governo Militar. Estudantes universitários, professores da rede pública e privada, funcionários de vários setores da indústria eram observados de perto por agentes militares do mais alto escalão. Os militares estavam presentes em quase todos os setores, ocupando os mais variados cargos dentro destes lugares de modo que assumiam um papel de observadores, sendo os responsáveis por avaliar quem era ou não subversivo e, portanto apresentava algum risco ao governo vigente.

Mansan (2012) afirma que houve um gradativo processo de endurecimento durante o período militar, uma quantidade enorme de decretos e atos institucionais fazia com que a população, se sentisse cada vez mais oprimida, coagida por estas situações que em nenhum momento favorecia a liberdade de expressão e muito menos davam voz a massa. Imerso neste pensamento Mansan (2012) fala que “No caso da Ditadura Civil-Militar, um bom exemplo de conjuntura marcada pela ênfase na coerção é aquela imediatamente posterior à imposição do Ato Institucional nº 5.”(p.4), que surgindo quatro anos após o movimento inicial de 64 (com a saída de Jango do poder), torna a situação que já estava critica, em mais radical ainda, seja pelo extremismo nas falas dos milicos, quanto nas ações que eram tomadas para contornar os problemas vivido pelo governo.

Mansan (2012) também remete à importância dos estudantes e suas organizações dentro e fora dos espaços universitários. Um fato a ser observado é que grande parte dos alunos que estavam participando mais nitidamente das atividades que tinham o intuito de resistir aos militares, na prerrogativa de tirá-los do poder, estavam nas universidades e agiam de forma mais lúcida em suas ações, tanto no sentido organizacional, se referindo ao sentido das discussões a cerca dos problemas vividos naquele período, quanto nas atividades mobilizadoras, que culminava em atos mais elaborados.

Segundo Paula (2003), o movimento estudantil se constrói como um setor privilegiado, onde só uma elite com conhecimento cultural e tato político participa, ainda que seja estranho ver o movimento estudantil como um movimento elitista. Mas a partir da leitura de Paula (2003) percebemos que quando se fala de elite, falamos de uma concepção *latu sensu*, ou seja, é caracterizado como elite um pequeno grupo no qual estes que estão dentro se diferenciam dos demais por possuírem algo que não é ofertado de forma igualitária para todos.

Partindo da concepção do autor, a respeito da elite formada pelos estudantes universitários que fazem parte do movimento estudantil, pode-se dizer que

> O movimento estudantil, que por princípio, é uma instância de luta contra os privilégios e em prol da democratização do acesso ao ensino se contrapõe o papel legitimador das desigualdades sociais desempenhado pela Universidade. No entanto, o movimento estudantil – inserido que está numa sociedade e numa Universidade desigual – tende a reproduzir essa desigualdade em seus quadros, confirmando trajetórias de distinção, e mesmo não intencionalmente, constituindo um tipo de elite.(PAULA, 2003, p.2)

Deste pensamento deve-se, porém diferenciar os conceitos de elite, pois ao dizer que a classe estudantil universitária é proeminente de uma elite não a comparamos as elites políticas, ou a classe que dirige a sociedade, mas elite no sentido de minoria que se apropria, de forma lúcida ou não, de um conhecimento que não está disponível para uma maioria. Podemos dizer assim que o movimento que legitima dentro destes espaços escolares é fruto de uma elite cultural, que toma para si o dever de criticar e lutar pelos direitos de uma maioria que ainda permanece excluída.

Para Paula (2003) é neste contexto de lutas e revoltas nos movimentos estudantis, que surgem os sujeitos que irão tomar frente ao movimento, conquistando assim um prestigio e destaque dos outros elementos que também compõem este mesmo ambiente, “acumulando um capital político e social não acessível aos demais estudantes” (p. 3-4).

Segundo a autora o movimento estudantil enquanto (trans)formador de opiniões, busca uma nova roupagem para as suas lutas, ele briga buscando dar voz a um grupo que comumente não é escutado. No contexto ditatorial o movimento estudantil (ME) foi de máxima relevância para abrir as discussões a cerca dos fatos que estavam se apresentando, sempre de forma opressora e violenta.

Assim, afirma que com o advento das universidades o movimento estudantil já começa a tomar uma forma, sempre buscando ter como combustível uma atuação que busca o desenvolvimento de um grupo, levando em conta não somente o interesse individual mas uma vontade coletiva. Em 1937, com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), o ME ganha corpo e começa a ter mais força, com o apoio de várias entidades nacionais.

No século XX, o movimento estudantil, vai ganhando cada vez mais crédito a cerca as problemáticas que permeiam os estudantes, dentro e fora das universidades. A UNE (União nacional dos Estudantes), principal órgão de defesa dos direitos dos estudantes teve e tem um papel fundamental nas discussões dobre as deficiências que a educação foi passando ao longo do século passado.

Nas concepções de Paula (2003) ”com a instauração da ditadura militar, o movimento estudantil toma para si o papel do grande opositor do regime e alvo da repressão.”(p.9) pode-se observar o papel fundamental do movimento estudantil para o desenvolvimento das políticas de enfrentamento ao governo militar. Os estudantes não somente eram vistos como uma ameaça constante ao governo ditatorial, como eram tratados como inimigos primários daqueles que administravam o país. Na concepção da autora o estudante que antes tomava o direito de reclamar e reivindicar por melhoras para sua classe, se via diante de uma briga que não somente iria mudar os rumos da educação, como também o destino de todas as gerações futuras, que tomam para só o movimento de 60 como um ideal a ser vivido.

2.1 Contexto político em que se organizam os jovens universitários

Paula (2003) nos mostra que, até os anos de 1937, imersos no governo de Getúlio Vargas, haviam inúmeras entidades que estavam presentes e ativas dentro de seus espaços universitários, porém elas sofriam de um mal comum, ainda não havia uma representante nacional que pudesse dar voz e força para o desenvolvimento destes movimentos. É neste contexto histórico que surge a UNE (União Nacional dos Estudantes), que inicialmente destacava-se por sua postura apolítica, onde seu primeiro presidente foi o estudante José Raimundo Soares, responsável por dar continuidade às reivindicações que se apresentavam no contexto nacional estudantil. E, a partir deste momento, é convocado para o ano seguinte o que já irá ser denominado como o primeiro congresso da UNE, que neste ano de desenvolvimento já se configurou com uma postura politizada a partir das falas dos estudantes presentes, que mostram seu interesse em discutir os temas que estão presentes no cotidiano político brasileiro.

Durante o seu processo de desenvolvimento, segundo Paula (2003), a UNE se destaca pela continuidade de suas lutas, na década de 40, com o apoio do ministro das relações exteriores Oswaldo Aranha os estudantes realizam uma passeata pacífica, demonstrando sua revolta ao movimento nazi-fascista.

Ainda na década de 40 com o anúncio de guerra entre Brasil e os países do eixo- Itália, Alemanha e Japão, houve o rompimento da união da UNE e o estado novo. Os estudantes reivindicam e conseguem do governo Vargas o prédio do Clube Germânia, tornando-se a sede oficial da UNE.

Nos anos conseguintes o Movimento Estudantil brasileiro, com sua representante maior tem seus altos e baixos. No ano de 1946, de acordo com a autora há um expressivo afastamento dos estudantes da luta encabeçada pela UNE. No ano seguinte com a eleição de Roberto Gusmão para a presidência da união, o movimento concretiza-se como esquerda.

A cada ano em seus congressos nacionais a UNE se firmava enquanto entidade representativa nacional; a cada congresso haviam novas reivindicações, novas bandeiras são levantadas, reafirmando-se enquanto primordial a defesa por uma educação de qualidade, a regulamentação de uma educação popular de qualidade, entre outros elementos reivindicatórios.

No desenvolvimento de políticas que visavam aglomerar o maior número de participantes, ativos nos movimentos, a UNE se engaja na sua forma de agir, seja esta no desenvolvimento de suas políticas internas, seja no estimulo ao desenvolvimento cultural.

Em 1964, a UNE perde sua sede no número 132 da praia do Flamengo, seus lideres são presos ou exilados, o centro popular de cultura é fechado, de modo que para o governo a UNE é desfeita, porém continuando suas atividades na clandestinidade. Entrando nos anos de chumbo, o jovem é visto como inimigo, passeatas que antes eram pacificas tornam-se alvo do governo, segundo a autora.

Durante todo o período da ditadura a UNE passou a atuar de forma clandestina, abrigavam-se em igrejas, e outros locais que julgavam ser seguros para fazer suas reuniões. Os jovens que nela estavam inseridos também procuravam outra forma de revolução, a armada.

2.2 A militância juvenil: a União Nacional dos Estudantes Universitários

A revista em comemoração aos 60 anos da UNE fala que “no dia 11 de agosto de 1937, na cidade do Rio de Janeiro, a União Nacional dos Estudantes (UNE) é criada e nasce com o intuito de dar continuidade aos movimentos dos estudantes”(p.85), não só na capital carioca, mas em todo o território nacional, associando-se a entidades representativas estudantis que em busca da melhoria da qualidade de ensino unem-se a ela para ganhar força e novas parcerias em suas lutas.

O sentimento de injustiça ligava os estudantes de todo o Brasil, que anualmente se reuniam no encontro da UNE para discutir as problemáticas que assolavam as academias, assuntos que perpassavam por todos os níveis da educação, fosse ele no campo universitário, discutindo os elementos acadêmicos,fosse no debate de outros elementos que eram de extrema importância para a juventude.

Garcia (2004) afirma que, no século XX, nasce o CPC (Centro Popular de Cultura) visando inicialmente ser um espaço para o desenvolvimento do teatro nacional, seu desenvolvimento e evolução no cenário nacional. Nesse contexto de afirmação o CPC desenvolve-se com o trabalho de contextualização nacional, buscando em suas peças reafirmar os elementos do nacionalismo.

Segundo o autor, o nascimento do CPC/UNE no ano de 1961, reafirma a união das entidades que tinham destaque no debate proposto por cada núcleo, a UNE com o enfoque no debate político/popular/acadêmico que possibilitou a organização dos estudantes no regime militar; o CPC e seu quadro de artistas, que por intermédio de suas ações, inseriam o contexto político da época em suas discussões de maneira contundente, enriquecendo as atividades realizadas no momento histórico em que estavam inseridas.

Entretanto esta relação teve um fim marcado por tensões:

> Entre a fundação em 1961e a extinção em março de1964, três nomes integraram a direção do CPC. O primeiro, Carlos Estevam Martins; o segundo, Carlos Diegues, e o terceiro e último, Ferreira Gullar. O CPC que pretendia inicialmente manter e fortalecer o grupo formado com as apresentações da peça A mais-valia vai acabar, Seu Edgar já apresentava, como o movimento estudantil, suas dissidências. Nos dois últimos anos, havia pelo menos duas correntes distintas no interior do CPC: uma corrente liderada por Oduvaldo Vianna Filho e outra por Carlos Estevam Martins, está ainda vinculada as ideias e teses do “manifesto do CPC” (GARCIA,2004,p.136)

A autora mostra que essa fragmentação ocorre pelo fato de que dentro da produção das peças, que inicialmente visavam passar uma mensagem, havia uma quebra enquanto sentido buscado ao se interpretar, ou seja, ao trazer a maneira mais contundente de se passar tais ideias, o enfoque que seria dado foi o motivo de ruptura neste processo, pois ao agregar o valor estético à encenação não se permitia a facilitação da linguagem da peça para o melhor entendimento daqueles que iriam assistir, pois acreditavam na perda de qualidade se fizessem isso.

Demonstra ainda que dessa união, entre UNE e CPC em 1961, o surgimento da UNE-volante que percorre o Brasil no intuito de disseminar a cultura de esquerda através do teatro e dos cinemas populares. É preciso evidenciar que a construção política do CPC é de grande valor para a divulgação da cultura alternativa como construtora de uma linguagem de revolta e luta. O teatro com suas formas de pensar e agir dentro deste contexto vinha contribuir na formação não somente daqueles que assistiam, mas fortificava as ideias concebidas dentro do pensamento coletivo de mudança.

Em 1964, há a dissociação destes dois elementos (UNE e CPC). A União Nacional dos Estudantes (UNE) permanece conduzindo suas atividades num estado de clandestinidade, buscando legitimar as ações dos movimentos juvenis, enquanto o Centro Popular de Cultura toma outros rumos dentro e fora da atuação no espaço dos movimentos políticos.

2.3 - Desilusões com o movimento estudantil – O que acontece com os jovens após a ditadura?

Segundo Mische (1997) neste período (após ditadura) nota-se uma incredulidade da opinião pública com relação ao ativismo político e sua suposta falta na vida da juventude brasileira, no início da década de 90 dentro do contexto pós-ditadura, sendo esta uma dúvida levantada como, por exemplo, o fato de somente metade de emissões de título de eleitor feitas por jovens com menos de 18 anos, quando a constituição estendeu o voto para pessoas com no mínimo 16 anos.

Na ampla visão do fenômeno ocorrido naquele momento, com os grandes protestos de 92, as disparidades entre as análises foram se estabelecendo em cada veículo midiático, onde mostravam uma face da participação política dos jovens no *impeachment*, de modo que:

> Em contraste marcante com o minimalismo político e a indignação puramente ética dos comentários conservadores, as entidades estudantis lideradas por jovens militantes de partidos de esquerda tentaram ligar a participação de estudantes "como cidadãos" a uma crítica mais ampla de injustiça social (MISCHE, 1997, p.137)

Além deste aspecto "puritano" gerado pela imprensa brasileira, surgiram também, em meio midiático, comparações nostálgicas com o movimento estudantil dos anos 60, que teve início na reforma universitária até os seus vários anos de confronto com a ditadura militar, sendo que essas análises tiveram grande influência nas interpretações desta manifestação política iniciada pelos, naquele momento, definidos como jovens cidadãos.

E, apesar dessa referência na história política brasileira, devemos ressaltar as diferenças entre estas manifestações que foram tomadas por iniciativa de grupos de jovens (sendo uma na década de 60, a outra de 90), tendo em vista que a ação tomada pela juventude no período militar tem direta influencia nas políticas opressoras que se estabeleciam nos anos de chumbo.

Contudo havia diferenças importantes:

> Enquanto mobilizações anteriores (da década de 60) foram conduzidas num campo político polarizado entre o estado militar e a oposição estudantil, os cara pintadas foram atores privilegiados em uma ampla mobilização da sociedade civil e política contra o governo Collor (MISCHE, 1997, p.136)

Além do que, levando o conceito de cidadania a outros níveis, sendo estes novos e dinâmicos, os "caras pintadas" fizeram a sua ação política como jovens adultos em formação com um país em sua política democrática também em formação, após longos anos de ditadura militar, totalitarismo e autoritarismo, segundo o autor

É perceptível também, segundo ela, que há uma notável diferença de discursos sobre esta mesma cidadania onde, nos anos 60 com as questões tradicionais referentes à esquerda, com certo foco específico ao seu público comum, os que estavam engajados politicamente com os movimentos daquela época indo, para os anos 90, com uma linguagem mais expansiva e universal de “cidadania”, não classificando os participantes que estavam nos protestos do *impeachment* como radicais ou conservadores, socialistas ou liberais, nem mesmo como “estudantes”, mas sim como “jovens cidadãos”, como parte de um grupo maior, de algo maior.

Os pontos aqui mencionados influenciam no que se atribui a identidade do movimento político desses jovens em 92, ainda que não seja o caso neste texto explicar essa questão da identidade com utilização de modelos estáticos, pois se tornaria necessário dar a multiplicidade das interações sociais e institucionais pelas quais percorreram grande parte da geração dos anos 90 aqui enfatizada.

É neste dinamismo, entre as relações entre seus pares ou grupos mais organizados, que influem na consciência de um compromisso político entre os jovens, de modo que:

> O processo fluído e contingente da formação de identidades na interação dinâmica entre o “ciclo da vida” da pessoa, a participação no movimento e as mudanças históricas da época. Para resgatar esse aspecto, é necessário um conceito de identidade como focalizador de projetos, dando direção às ações além de definição aos grupos (MISCHE, 1997, p.139).

Aprofundando o estudo de identidades individuais e coletivas a fim de compreendermos melhor as diferenças históricas entre o movimento estudantil dos anos 60 e os caras pintadas dos anos 90, e de entender como se deu esta mudança de identidade participativa como “estudante” no primeiro momento até esta imagem de “cidadão” em 92, notamos (MISCHE, 1997):

- É preciso dividir em pontos esta análise, sendo o primeiro fator a ser formulado o da identidade como reconhecimento, pois este conceito é agregado a categorias sociais, como classe, gênero, nacionalidade. Esta identidade não se dá somente por estes atributos sociais, mas principalmente pelas experiências e orientações coletivas dentro de um dado contexto que oferece um potencial para o reconhecimento desta identidade.
- Encarando identidade como experimentação, fica focado o aspecto dinâmico ao termo “identidade”, ainda mais com este dinamismo vindo diante de situações públicas e políticas, o que implica, através desta experiência, um devido reconhecimento a este jovem.
- A limitação do conceito de identidade acaba dando um aspecto delineador, e que acaba sendo transgredida com os pontos citados acima, com estes gerando mecanismos para um terceiro aspecto deste estudo, a “identidade como orientação”, a partir das experimentações, seus sucessos e suas frustrações.

Após estas análises é possível notar as diferenças no papel do jovem enquanto identidade social, política e grupal. E, para acompanhar as transformações entre uma manifestação política e outra (a de 60 e a de 90, respectivamente), é necessário que prestemos atenção primeiramente à estrutura do mundo juvenil universitário nos anos 60, onde havia um quadro de crescente importância desta categoria, acompanhada com a ampliação do número de vagas para estudantes nas universidades.

O período que culminou até a década de 60 precede a ideia de construção, ou melhor, de auto-reconhecimento enquanto classe de uma geração. O estudante da década de 60 vinha de uma construção muito recente, a própria entidade representativa da classe ainda dava seus passos iniciais, se apoiando na força e dinamização do movimento estudantil brasileiro.

Mische (1997) nos coloca a ideia de que a geração dos anos 90 vive um cenário político, cultural, educacional muito divergente daquele vivido por gerações anteriores. No processo de ditadura a conscientização de que havia um inimigo a ser combatido era muito mais expressivo e, por este motivo era necessário unir forças para o combate às ações políticas da época. A partir da década de 90 a geração “Shopping Center” já não acredita nesta necessidade de se unir para construir um movimento de expressão. Os elementos que antes se apresentavam como necessários para garantir uma educação não se mostram os mesmo.

Durante a vigência do governo ditatorial, segundo a autora os estudantes tinham que lutar pela permanência de alguns professores, pois estes perseguidos pelo regime militar eram afastados de suas funções, proibidos de cumprir seu dever como educadores. No pós ditadura os estudantes então menos preocupados, ou melhor, mostram pouco ou nenhum interesse em lutar pela melhoria da qualidade da educação.

Neste momento, ouve-se o discurso de alguns que é perda de tempo estar inserido no movimento estudantil, pois já existia um (pequeno) grupo que luta pelo direito de todos. Outros, interessados somente em sua formação, não participam das vivencias acadêmicas, julgando desnecessária a luta de poucos pela melhoria do elemento coletivo.

O que se percebe neste processo comparativo entre estas duas gerações, a partir do que afirma a autora, é que os movimentos de 60 e de 90evidenciamdois tipos de juventudes com ideais e concepções diferentes a respeito de um mesmo tema, o movimento estudantil. Enquanto a geração que vivenciou a ditadura militar estudava e construía suas concepções a cerca de como deveria ser conduzida a situação política em nosso país, as gerações seguintes se alimentam de uma nostalgia de um período que não viveram, mas que buscam a todo custo recriar, visando viver novamente, os anos em que havia de fato um movimento estudantil.

2.4 – Novas formas de organizações e reivindicações juvenis

Os estudos que focalizam a juventude do pós-guerra, esta, essencial para compreendermos o envolvimento que os jovens tomam com a política como seres principalmente atuantes, contestadores e transformadores são muito significantes para contribuirmos com análises no momento em que estes fenômenos deram início, na década de 60 e o que foi "herdado" destes jovens nas décadas seguintes.

Torna-se aqui necessário contextualizar a ordem social estabelecida e o que queria essa geração de jovens contestadores.

> Estes jovens recusavam os valores da ordem instaurada pela sociedade industrial moderna, inspirados nos pensamentos existencialista, marxista, anarquista e surrealista da época, ideias que fizeram, conforme suas epistemologias, a crítica da cultura e levaram junto a crítica da família e a crítica do conformismo e da impotência do indivíduo diante deste quadro (SOUZA, 2004, p.2)

Havia um sentido crítico naquele momento, como discutiu Marcuse (1996), como uma grande recusa do trabalho, da técnica, do consumo, das ideologias, de modo que o debate e questionamentos profundos dos valores tocaram intensamente os jovens em busca do novo.

Com as devidas particularidades dos movimentos que se seguiram em "Maio de 68", estes, compostos majoritariamente por jovens da classe média tanto na Europa como na América Latina tiveram rumos e repercussões diferentes no movimento estudantil destes continentes. No Brasil representou a proletarização crescente das classes herdadas da sociedade pré-industrial, e seu questionamento do sistema foi apenas uma parte da sua intervenção concreta na sociedade. O movimento estudantil que emerge neste contexto é o movimento social nascido da reivindicação de setores das classes urbanas que contam desempenhar um papel que não ocupam no contexto do sistema econômico e um papel junto à máquina do Estado, até então. Paradoxalmente, à medida que se identifica com as massas populares urbanas, o jovem se orienta igualmente para a transformação da sociedade, para a industrialização. (ALBUQUERQUE, 1977)

Segundo Souza (2004) neste momento uma estreita relação entre a organização do movimento estudantil e a do movimento classista de origem operária é estabelecida, ambas orientadas por ideologias de esquerda que deslocavam as militâncias do centro das cidades para que as mesmas chegassem até a periferia destas cidades, para conseguir apoio das camadas populares, dando uma efetividade real nestes movimentos ideológicos.

Devido a uma ideologia que chegou a ser paradoxal, a fim de possibilitar as almejadas transformações sociais, foram adotadas concepções políticas de intervenções não somente ideológicas como também de guerrilhas e lutas armadas dentro deste contexto de lutas sociais, uma espécie de luta anticapitalista.

Dessa forma, apesar de alguns movimentos juvenis contemporâneos serem inspirados em práticas libertárias, os mesmos acabam resgatando conteúdos que, já faziam parte dos projetos políticos das contestações de “Maio de 68” em forma de organização e atuação política.

Agora, formados por novos ideais, trazem questões variadas com relação as suas contestações, com focos que vão desde as relações de capital, as políticas indo até as ecológicas, além de haver uma composição heterogênea dos que se integram a grupos com objetivos coletivos:

> São jovens que atendem ao chamado de grupos de ação direta; grupos independentes ligados a entidades estudantis; coletivos anarquistas, socialistas, marxistas que acreditam numa sociedade sem classes, mas num socialismo não-ditatorial, autonomista de várias tendências; estudantes geralmente não vinculados a siglas partidárias. Ambientalistas, sindicalistas, religiosos, progressistas, cada qual com seu objetivo de protesto; ecologistas radicais que aderem em grupo ou individualmente à ação direta como simpatizantes de causas específicas que não pretendem se identificar com nenhuma tendência política, mas estão presentes em manifestações coletivas de caráter ideológico contra a ordem social. (SOUZA, 2004, p.5)

Inseridos neste cenário complexo e heterogêneo, nos ideais destes grupos de jovens não há uma preocupação com este novo fato, ao não almejarem compor um espaço organizado a partir de uma única identidade, mas sim um espaço de encontro que seja capaz de atender as diferenças entre organizações e indivíduos que tenham pontos, nem que sejam mínimos, de concordância, seguindo a compreensão de emancipação social conquistada nas últimas décadas.

Sendo que, muitos destes grupos criados por jovens sem vínculos institucionais tendem a se organizar de forma não hierárquica, com uma nova ideia em criar um movimento que contemple todos os que estão inseridos no grupo e que permita uma coletividade democrática, sendo esta a expressão e a intersecção de interesses do indivíduo com o grupo, e, com isto, enaltecer críticas a modelos tradicionais de organização política, pois este tradicionalismo segundo os seus componentes, estão colocados a serviço das elites que estão no parlamento político nacional, além de não fugir da realidade classista do capital e suas relações hierárquicas e, já amparados pela tecnologia recorrente deste contexto histórico, com a mesma se fazendo presente em, cada vez mais, o maior número de locais possíveis, os jovens destes movimentos as utilizam como forma de articulação *intra* e *inter* grupal afim de formar uma rede de contatos e ações conjuntas, de modo que:

> Comunicam-se e coordenam-se, via *internet,* consolidando laços, conhecimentos entre si e recrutando novos adeptos. As listas de discussão dimensionam a informação, a organização, o esclarecimento das ações e, principalmente, o debate dos diferentes pontos entre os membros da rede (SOUZA, 2004, p.7).

Segundo a autora, apesar de elementos globais de caráter ideológico e tecnológico estar presente nas vivências destes grupos políticos, as suas ações são focadas em espaços próximos, como comunidades e bairros, oferecendo atividades políticas ou culturais variadas, e isto não é de nenhuma forma algo incoerente, pois estes grupos entendem que o grande capital não está a serviço dos mais afastados dos grandes centros urbanos, sendo estas ações adotadas a partir da compreensão de que o mundo está num momento de mudança, onde a política estará sob os tempos de um novo ciclo.

A autora afirma que há exemplos de manifestações diretas feitas por esses grupos, dentro dos pontos de articulação anteriormente aqui mencionados, sendo estas recebidas, sem surpresa com truculência pelo estado brasileiro, pois, na América latina as histórias de ditaduras ainda recaem nas ações de um estado que tem como "hábito" uma atuação repressiva ao direito civil de manifestação, sendo estas manifestações organizadas por esses jovens contra a Área de Livre Comércio para a América Latina (ALCA), em São Paulo, em abril de 2001, e contra a reunião de cúpula governamental e empresarial do Banco Intramericano de Desenvolvimento (BIRD), em Fortaleza.

Sobre novas formas de manifestações, nos diz a autora:

> Os jovens ativistas globalizados mesclam formas mesclam formas tradicionais e inovadoras nas ações de massificação do protesto não violento às instituições e na utilização do humor e criatividade, como se testemunhou nas manifestações desde o S26 (26 de setembro de 2000), em Seattle. Nos anos que se seguiram houve um conjunto de manifestações coletivas de rua redefinindo significantes na política. (SOUZA, 2004, p.11)

Pois os seus objetivos procuram expressar o mundo que estão querendo transformar para o futuro, construindo com perspectivas de interligação entre os mais variados interesses.

Pois estas são as "fontes" da política, os sentimentos, os interesses, os protestos, manifestações, associando a liberdade individual à força social do coletivo forçamos este aspecto individual a se expressar em busca dos seus direitos.

> não basta ter necessidades. É preciso explorá-las verbalmente a fim de que a simples carência se transforme em direitos [...]. No dia-a-dia, os sentimentos, protestos e desejos podem assumir intensidades muito elevadas, que também podem ser expressas e repetidas publicamente. Esses tons diferentes tem legitimidadesobretudo quando são baixos – baios em relação ao coro de todas as outras vozes na coletividade, com as quais concorrem e com as quais precisam se unir. Trata-se de contribuições e de exigências fracas que partem de fontes individuais e entram em produção: partem das famílias, da produção industrial, do mundo da esfera pública. São fracas enquanto atos isolados, medidos pelo volume de uma circunstancia administrativa, de um estado federativo, de toda república (NEGT, KLUGE, 1999, p.54).

Neste mar de profundas idéias, os jovens se deparam com um mundo de opções, um meio de contradições dentro dos meios na qual essas gerações estão inseridas. Uma constante maré de impunidade leva ao descaso, a falta de interesse, aos pensamentos utópicos do que de fato pode se fazer para melhorar certas situações.

2.4.1 Junho de 2013 e o Movimento Passe Livre (MPL)

Protestos, internet, passeatas, vandalismo, coquetel molotov, ações repressoras, violência policial, bombas de efeito moral, foram estes os elementos que marcaram a história mundial, e no caso a ser destacado, a história do Brasil. “Não é por 0,20 centavos”! Este foi o lema levado por nós estudantes, ou não, para as ruas no intuito da mudança de todas as injustiças vivenciadas por nossa geração.

> Pouca gente lembra, mas a revolta popular que tomou São Paulo e derrubou os aumentos nas tarifas de metrô, ônibus e trem, não teve início nos “grandes atos” convocados pelo Movimento Passe Livre no centro da cidade. Foi a partir da organização e mobilização de estudantes secundaristas em suas escolas, nas semanas anteriores, que se acenderam as “primeiras chamas” das Jornadas de Junho (Movimento Passe Livre – São Paulo - online)

Desta maneira percebemos a forma como se desenvolveu as manifestações que deram início ao movimento que marcava a história brasileira. Não somente estudantes secundaristas participavam deste movimento, pois para “engrossar” o caldo, vários outros setores sociais se incluíram nas manifestações; universitários, trabalhadores dos mais diversos setores participaram ativamente desta construção, dando cada vez mais força para as palavras de ordem nas manifestações ocorridas neste período.

Com este movimento juvenil iniciado em São Paulo, pelo Movimento Passe Livre – São Paulo[1]reivindicando e posicionando-se contra o aumento abusivo da taxa do transporte público, entre outras cobranças, ocorreu um dos maiores movimentos de contestação política e social dos últimos anos no Brasil. Podemos afirmar que se constituiu como um fato recorrente de uma geração de jovens cidadãos inconformados com a realidade da política brasileira.

> Levantamento divulgado nesta sexta-feira (21/6) pela Confederação Nacional de Municípios (CNM) mostra que ontem houve protestos em pelo menos 438 cidades de todos os estados brasileiros. Quase 2 milhões de brasileiros fizeram manifestações pela redução das passagens do transporte público, contra os gastos com as obras da Copa do Mundo, pelo aumento dos recursos para a saúde e educação e contra a corrupção e a impunidade.” (CORREIO BRAZILIENSE-online)

Fica perceptível que as insatisfações apresentadas na primeira passeata, não eram somente um problema localizado, mas um mal nacional. Viam-se nas ruas brasileiras os mais variados grupos (partidários ou não) buscando uma união para a legitimidade daquilo que estava sendo cobrado nos cartazes, nas palavras de ordem, no hino nacional cantado tantas vezes durante o mês de Junho.

Porém, mesmo com as conquistas do movimento, ele não se calou, não ficou de braços cruzados. Este fato se evidencia quando

> De acordo com os eventos criados na Internet, capitais como São Paulo e Rio de Janeiro deverão ser palco de protestos. E isso apesar de estarem entre as 11, cujas autoridades anunciaram o anúncio da revogação do aumento das tarifas após o início das manifestações contra os aumentos dos transportes. "Será para comemorar, mas vamos lembrar também as pessoas que estão sofrendo processo judicial por terem sido presas durante a manifestação, a criminalização dos movimentos sociais", disse à Lusa a estudante Mayara Vivan, 23 anos, integrante do Movimento Passe Livre de São Paulo (JORNAL DE NEGÓCIOS–20/06/2013 - online)

[1]O Movimento Passe Livre (MPL) se auto define “como um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”. Estas e outras informações estão disponíveis em < http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/ >.

Assim, continuou o movimento passe livre por todo o Brasil. As cobranças não pararam e, em muitos casos as medidas tomadas pelos governantes, pareciam ser de confronto direto. Militantes foram detidos, com a acusação de que faziam parte dos movimentos de vandalismo que se apresentaram durante algumas manifestações. A polícia que inicialmente servia para zelar pela segurança do movimento entrava agora em conflitos com os estudantes. Vidraças foram quebradas, jovens foram machucados por balas de borracha, mas mesmo com todo este alvoroço o movimento continuava.

As redes sociais foram uma arma eficaz para a continuidade e organização do movimento, os internautas com as mais variadas *hashtags* (#) foram de grande valia para estas manifestações:

> Facebook, Twitter, Youtube ou Instagram foram os grandes aliados dos manifestantes. As convocações são feitas através dessas plataformas, com contribuições de milhares de pessoas, que comentam, atualizam fotos e compartilham informações. (G1 – 20/06/2013 - online)

Desta maneira, o movimento se fortaleceu e continuou sua caminhada, até o fim deste ciclo de manifestações.

Fica perceptível assim a força dos movimentos sociais, onde estudantes e outras inúmeras classes conseguem se organizar para a construção de ações efetivas de mudança. Percebemos, a partir destas manifestações, queo jovem é a mola impulsora das futuras mudanças e que, das mais variadas formas de se organizar, consegue mais do que simplesmente reproduzir ações, ou levantar cartazes, mas faz uma forma efetiva a mudança que acha necessária para seu desenvolvimento.

III JUVENTUDE, PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO NO PARÁ: o movimento estudantil no Pará

Em meio a disputas ideológicas de influência global entre capitalismo e socialismo, segundo Cuéllar (2012), com os eventos da Revolução Cubana e a postura dos Estados Unidos com relação ao apoio econômico e militar contra as crescentes organizações de esquerda no Brasil, entendemos como o golpe de estado pelos militares ocorreu com demasiado sucesso, tendo como principal articulador deste processo a cúpula das Forças Armadas, sobretudo o Exército, suprimindo as liberdades civis e implementando uma ditadura civil-militar e lutando contra os reformistas-populistas e a crescente influência dos partidos e organizações de esquerda, no caso, principalmente o Partido Comunista Brasileiro (PCB)

Para isto, o autor afirma que o apoio de alguns líderes de setores da sociedade civil foi fundamental, pois, sem tal apoio, esta “revolução militar” não teria ocorrido de tal forma, com os seus políticos conservadores, os grandes proprietários de terras e riquezas e, com destaque, os detentores dos meios de comunicação de massa.

Além disso, afirma que como em outras partes do país, esta rede de influências políticas teve grande efeito em território paraense, além de explicar a) como nesta região se deu o processo dessa “revolução militar”, b) em como a sociedade civil paraense, com as organizações de estudantes e de sindicalistas, como cidadãos atuantes nesta nova realidade de aprisionamento democrático, reagiu a tal medida política arbitrária.

Os estudos históricos a partir do ponto de vista dos movimentos estudantis e civil durante o golpe militar de 64 no Pará, segundo Cuéllar (2012), começam recentemente a ter maior atenção do público, o que denota uma mudança de comportamento da sociedade paraense. Mostra disso é o crescente número de publicações, seminários e debates sobre o regime militar, que estão relacionados ao fato de que velhos mitos e estereótipos estão sendo superados, graças tanto à pesquisa histórica factual de perfil profissional quanto ao que poderíamos caracterizar como um "desprendimento político" que, o distanciamento histórico possibilita: tabus e ícones da esquerda vão sendo contestados sem que tais críticas possam ser classificadas como "reacionárias" (FICO, 2004: 30).

3.1 - A "revolução militar" no Pará e a resistência dos estudantes e sindicalistas

Em seu texto, Cuéllar (2012) afirma que no dia 31 de março de 64, o general Olympio Mourão Filho, comandante da 4ª região militar, sediada em Belo Horizonte, Minas Gerais, ordenou que as suas tropas fossem até o Rio de Janeiro para exigir a renúncia do então presidente João Goulart. Deste modo era iniciado o golpe militar no Brasil que instauraria uma ditatura civil militar que duraria de abril de 64, até março de 85.

Pouco tempo depois, no dia 1° de abril de 1964, as autarquias paraenses já tinham decidido apoiar tal acontecimento, sendo influenciadas pela conjuntura nacional que também seguia a "revolução" pela pátria como dito no manifesto encomendado pelo general Orlando Ramagem a Jarbas Passarinho, onde lia-se:

> Não poderiam os paraenses, pelo seu governador, e os militares, por seus chefes legítimos, retardar por mais tempo a sua completa adesão ao abençoado movimento, que eclodiu no generoso solo de Minas Gerais [...], que logo se irradiou por todo o território pátrio. Tão pronto alguns problemas locais foram satisfatoriamente solucionados, como recomendava a virtude da prudência e o desejo do não derramamento de sangue dos amazônidas, Governo e Comandantes Militares, em íntima comunhão de pensamento, ligados pelo mesmo amor ao Brasil, e igualmente repudiando o comunismo ateu e tirânico, fazem saber à Nação brasileira a sua firme e inabalável determinação de formarem ao lado das forças que se batem pela restauração do princípio da autoridade e pelos fundamentos da própria organização militar, que são a disciplina e a hierarquia, tão vilmente vilipendiadas e enxovalhadas pela mais despudora da demagogia e pela deplorável ausência de espírito público. (PASSARINHO, 1990, apud CUÉLLAR, 2012, p.172-173).

Cuéllar (2012) esclarece que agindo de forma diferente à decisão do governo civil e militar paraense, este compactuando com o levante militar que estava ocorrendo, as lideranças locais tanto do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e da União Acadêmica Paraense (UAP) como do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sendo este último, o principal partido de esquerda no país até a posterior formação do Partido dos Trabalhadores (PT). Chegou a ser legalizado por um curto período, mas retornou a clandestinidade em 1947 e, embora nesta condição, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) tinha considerável influência nos movimentos estudantis, nos sindicatos urbanos e rurais e no meio intelectual e artístico, com o objetivo de organizar os trabalhadores e estudantes a reagir diante do golpe que estava sendo instalado pelos militares.

Com esta finalidade, estas entidades publicaram notas de repúdio e chamadas de mobilização, como a da UAP, publicada na *Folha Vespertina*[1].

> A União Acadêmica Paraense, cumprindo decisão de seu Congresso Extraordinário ontem realizado, considerando que se desenvolve no país um processo golpista contra o mandato do Presidente da República, e atentando à orientação da União Nacional dos Estudantes, resolve: 1 – Decretar greve geral dos universitários paraenses até que seja destruído todo o esquema golpista que ame aça o Brasil; 2 – Conclamar todos os oficiais, sargentos, soldados, trabalhadores, camponeses e o povo em geral para cerarem fileiras em torno do Presidente da República, que encarna, neste momento, os sentimentos reformistas de libertação do povo brasileiro. (CUÉLLAR 2012, p.176)

No mesmo 1° de abril, as aulas foram suspensas e reuniões dentro da sede da UAP iam ocorrendo, com os manifestantes tentando se organizar em defesa da permanência do presidente João Goulart no poder.

Na tarde deste mesmo dia, ordens militares foram enviadas para prender os “subversivos” que se encontravam nesta sede, sendo que, à noite, a UAP foi invadida por indicação de Jarbas Passarinho e com reticências do general Orlando Ramagem, que foi voto vencido na aprovação desta ação. Cuéllar (2012) relembra o fato ocorrido como aluno do curso de direito José Seráfico de Carvalho, que ao tentar sair da sede da UAP foi recebido com uma bofetada pelo coronel José Lopes de Oliveira, segundo seu próprio depoimento:

> Fui recebido ou recebi, na entrada, com um bofetão do lado esquerdo do meu rosto, porque ele trazia a destra vazia, disponível para este ato de democracia em que ele acredita no momento, a democracia do bofete (CUÉLLAR, 2012, p.177).

As lideranças históricas do movimento estudantil destacam este momento como o mais significativo sobre a vitória do golpe militar no Pará e, por outro lado, como um dos piores momentos do movimento estudantil paraense. Assim, como processo ditatorial instaurado, como uma ação que não tinha mais volta e com a invasão e depredação da sede da UAP, o intuito de realizar o desmantelamento do movimento estava finalizado, com alguns dos estudantes que ali se encontravam, surpreendidos pela ação dos militares,sendo presos.

Paralelamente ao ocorrido na noite de 1° de abril, acontecia naquela semana, na capital paraense, o I Seminário Latino Americano de Reforma e Democratização do Ensino Superior (SLARDES), com a participação de estudantes vindos de diferentes municípios e estados do país, além de estudantes argentinos, bolivianos, com parte da diretoria da UNE. Cuéllar (2012) afirma que após o período inicial da ditadura militar (1964) mais de 300 pessoas foram detidas

> Nas semanas seguintes ao golpe de estado, centenas de militantes dos partidos de esquerda, algumas lideranças do PTB e PSD, sindicalistas, militares e estudantes progressistas foram presos, e muitas organizações e entidades sindicais, especialmente as Ligas Camponesas e os sindicatos vinculados ao CGT, foram declarados ilegais, dissolvidos ou colocados sob intervenção. No Pará, cerca de 300 pessoas foram detidas durante e após o 1º de abril de 1964.(CUELAR, 2012, p.179)

Pode-se afirmar que assim como nas grandes capitais do sudeste brasileiro, onde a concentração das atividades dos estudantes era mais combatida, aqui no Pará a repressão sofrida por militantes e organizações envolvidas com os movimentos contra a ditadura era tão intensa como em qualquer outro lugar. A maioria dos que foram detidos nesta época, eram estudantes universitários e outras lideranças. Após o primeiro de abril de 1964, sedes de várias entidades foram invadidas, na busca por suspeitos subversivos, como os sindicatos, as sedes de alguns partidos e a UAP que foram vitimas destas invasões militares.

Segundo Cuéllar (2012), as capturas de elementos que participavam massivamente deste processo de lutas contra a instauração e permanência de um governo ditatorial militar no Brasil, se tornaram mais frequentes. Os alvos das perseguições (universitários, sindicalistas, membros do PCB e outros partidos de esquerda) eram presos com frequência. Na captura de algumas lideranças do movimento, era comum uma espécie de “desfile” pela cidade, mostrando para a população como exemplo, o que acontecia aos subversivos.

Neste processo de capturas e perseguições dos elementos julgados subversivos,haviam algumas singularidades:

> todos aqueles que se alinhassem ao lado das reformas de base (agrária, sanitária, bancária, universitária) eram automaticamente rotulados de comunistas. Ao debate sobre as grandes nacionais, preferiam a forma tosca, mas historicamente eficaz: a satanização dos comunistas, como impositivo estratégico para o sucesso do golpe militar, anteriormente desarmado na renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, e reduzido a um punhal parado no ar com o suicídio de Vargas em agosto de 1954 (BARATA, 2004apud CUÉLLAR, 2012, p.181).

É perceptível a visão criada sobre aqueles elementos que possuíam uma postura de esquerda dentro da ditadura. Percebemos que esta distorção sobre a luta revolucionária, os ideais socialistas dos que idealizavam o comunismo como uma sociedade possível na substituição do atual regime instaurado e lutavam em busca de uma sociedade “vermelha”, eram abominados pelos militares e por muitos civis que partilhavam dos ideais militares.

Como particularidade do regime militar brasileiro deve-se ressaltar que:

> Num primeiro momento, diferentemente da maioria dos regimes militares instaurados nos países latino-americanos nas décadas de 1960 e 1970, a cúpula das Forças Armadas manteve inalterado o sistema eleitoral e partidarista surgido no Brasil após a extinção do Estado Novo. Contudo, poucos dias depois da vitória dos candidatos do PSD aos governos estaduais de Minas Gerais e Guanabara, através do Ato Institucional n° 2, de 27 de outubro de 1965, todos os partidos foram declarados extintos e foram suspensas as futuras eleições diretas para presidente da República. Um mês depois, com o intuito de fornecer certa aparência democrática à ditadura civil-militar, foi instaurado o sistema bipartidarista, outorgando à Aliança Renovadora Nacional (Arena) o papel de aliado doregime e ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) o de “oposição” (CUÉLLAR, 2012, p.184).

Um fato que deve ser levado em consideração a partir das atitudes supostamente democráticas do governo ditatorial é que todos aqueles que estavam anteriormente filiados a partidos de esquerda, eram expressamente proibidos de participar de qualquer tipo de aliança feita dentro dessas duas entidades políticas, seja ela de esquerda ou de direita.

Dentro de todo esse processo que se apresentou na ditadura brasileira, e mais especificamente na participação juvenil no processo de militância dentro deste governo, Cuéllar (2012) nos remete ao fato de que o governo que se instala no Brasil durante o período de ditadura, teve grande impacto em todos os setores do governo nacional. O modo de pensar e agir se modificou, modificando também a atuação do governo diante algumas atitudes revolucionarias. O fato que deve ser ressaltado é a participação fundamental dos militantes para a construção de um movimento estudantil, mas principalmente para o processo de redemocratização brasileira.

Podemos perceber que nos questionamentos de Correa (2011), representativos dos momentos que ocorreram na Faculdade de Economia da UFPA, em Belém, podem ser tomados como referência daquela juventude que, em ambientes acadêmicos, tinham metas não unicamente individuais, mas coletivas também, em prol da redemocratização:

> Os problemas aí estão: fome, doenças, analfabetismo. Numa palavra “miséria”. Porque a baixa per capita, e má distribuição de renda? Seremos incapazes? Inferiores a outros povos? Porque internacionalizar a Amazônia? O que se esconde atrás do acordo MEC-USAID? Porque não temos restaurante universitário? Exato. Dos grandes aos pequenos problemas, todos nos atingem direta e indiretamente. Cabe-nos participar de soluções (CORREA, 2011, p. 131)

As iniciativas tomadas pelo movimento estudantil diante de uma realidade totalitária tornaram possível um despertar para os universitários e jovens paraenses nos idos de 1968 que, antes apáticos, temiam contestar o que enxergavam com críticas e até então não faziam valer seu papel como agentes transformadores.

Com a conquista posterior das liberdades democráticas, há frutos a serem reconhecidos pelas lutas que vieram daquela história e daqueles jovens, que deram sua contribuição com vários esforços e perdas, porém, com grandes ganhos em prol de uma sociedade de direitos, com avanços como a liberdade de expressão, a tolerância com as diversidades sociais com direitos de minorias assegurados pelo conjunto de leis que hoje regem o país.

E muito ainda falta, mesmo atualmente, pois há novas reivindicações contra injustiças sociais que são consequências das políticas corruptas, das disparidades socioeconômicas, da falta de investimento em setores primordiais para os cidadãos e que estão no centro das discussões dos movimentos formados por esses jovens cidadãos que, tendo conhecimento de seu poder de mudança tem forças para lutar em prol dos direitos coletivos e individuais.

3.2 – O Junho de 2013 e o MPL no Pará

Para evidenciarmos o dinamismo das contínuas participações dos movimentos estudantis na região paraense e seus impactos na sociedade como propulsores de mudanças, através das suas inquietações diante injustiças sociais, podemos nos remeter aos eventos recentes, como quando os jovens e demais cidadãos do estado participaram das manifestações em Junho de 2013.

Como em diversas regiões e cidades brasileiras, o movimento de protesto do MPL iniciado em São Paulo também foi aderido pelos cidadãos paraenses, iniciando com uma grande passeata pacífica com participantes de diversas idades e classes.

> A manifestação por melhores condições de vida em Belém reuniu mais de 13 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, nesta segunda-feira (17). A multidão entoava em uma só voz os gritos de protesto: "Vem pra rua!"; "A rua é nossa"; "Sem vandalismo". A passeata avançou pela avenida Almirante Barroso até o Entroncamento sem conflito com os agentes de diversos órgãos de segurança que acompanharam o ato, que teve início às 18h e encerrou pouco depois de 21h.(G1-PARÁ 17/06/2013)

No caso paraense este movimento já foi iniciado demonstrando o descontentamento dos manifestantes com diversos âmbitos políticos e sociais, agrupando diversas causas e grupos.

> Entre as bandeiras erguidas, feministas, estudantes, movimento LGBT, grupos de skatistas e pessoas que pediam mais segurança para pedalar nas ruas da cidade. Na pauta, críticas à construção da Usina de Belo Monte, aos gastos em obras para a Copa do Mundo, repúdio à Proposta de Emenda Constitucional 37, gritos contra a homofobia e o Estatuto do Nasciturno. (G1-PARÁ 17/06/2013)

Porém, posteriormente, no histórico mês de manifestações do século XXI, assim como em diversas capitais, no Pará também ocorreram momentos de tensão entre os integrantes das passeatas e a polícia, como ocorrido em Belém:

> A sede da prefeitura de Belém foi atacada por um grupo de vândalos durante a manifestação que reuniu 15 mil pessoas. A confusão começou no início da noite, depois que o prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho, foi tentar negociar com os manifestantes [...] Quando o grupo se aproximou ainda mais da entrada do prédio, policiais militares e guardas municipais decidiram avançar (G1-PARÁ21/06/2013).

É importante ressaltar que neste período de intensas contestações e passeatas também repercutiram em diversos municípios do interior do estado do Pará, mostrando que houve ações também de forma descentralizada, assim como no resto do país. Devem-se destacar municípios como Santarém, Castanhal, Tucuruí, Conceição do Araguaia, entre outros onde ocorreram as manifestações (DIÁRIO DO PARÁ, 21/06/2013)

É notável que, a forma de articulação utilizada pelos estudantes foi de fundamental para o desenvolvimento das manifestações. O método de formação, que ocorria dentro destes espaços, caracterizava-se como um processo de educação não formal. Não somente por estar fora dos muros da escola, mas também por se apresentar como uma ação que possui uma intencionalidade.

Nestes processos de formação, em que foi possível que nós estivéssemos presentes (autores), como jovens da contemporaneidade, percebemos, nas constantes falas dos que tomavam a frente do movimento, que era necessário haver uma união no movimento. Pequenas vozes que se destacavam no meio da multidão, pedindo para que o movimento continuasse junto, num constante processo de reflexão, ação e formação do sentido de estarmos naquele momento ocupando as ruas da cidade.

Dentro dos coletivos políticos, havia uma pré-reunião, na qual se debatiam questões a serem trabalhadas durante a passeata e definiam-se as palavras de ordem que deveriam ser entoadas. Nas reuniões que haviam após as manifestações, o ponto principal se pautava na formação daqueles que estavam presentes nas ruas, visando discutir autores que falavam sobre os movimentos de rua e, sobre as ideologias que deveriam ser seguidas. O que nos leva também a identificar processos educativos em ambientes não escolares característicos da educação não-formal.

Sendo assim, esta recente história mostra que também temos sólidas organizações estudantis que representam os jovens nesta atual geração em nosso estado, pois, se fez e se faz presente grupos com fins coletivos que pretendem transformar a realidade local, nas comunidades, nas escolas, nas universidades, nos mais diversos campos como o da educação, da cultura, da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender todo este processo que passamos enquanto juventude não é uma tarefa fácil, tanto por nossa complexa rede de relações, como pelos fatores que escapam as nossas escolhas e decisões.

Durante o desenvolvimento do trabalho, nos propusemos a desenvolver alguns conceitos sobre juventude, geração, movimento estudantil e educação não formal, pois entendemos ser fundamental abordar estes assuntos, tanto por sua relevância social quanto pelo fato de estarmos inseridos neste movimento e percebermos as ações de formação que ocorrem nestes grupos.

O movimento estudantil passa por várias fases no contexto brasileiro, inicialmente toma força com a participação de grupos militantes em várias partes do Brasil. No período de ditadura tem seu momento mais importante, suas ações enquanto entidade de oposição ao governo tomam grande proporção para a dissolução do governo ditatorial.

A partir desta fase do movimento estudantil, algo que fica claro é a importância da atuação dos estudantes que atuaram no período da ditadura para o desenvolvimento de uma militância que ainda persiste até hoje. E tem como exemplo os antigos militantes que vivenciaram os anos de chumbo no Brasil.

Neste contexto de ditadura e pós ditadura, o processo de formação não formal se desenvolve. Grupos de jovens começam a se reunir com mais freqüência, justamente para discutir os problemas vividos dentro de seus espaços sociais. Neste meio de formação ocorre algo de fundamental importância para a formação política destes novos militantes, que é a mistura de gerações que convivem dentro de um mesmo grupo. Assim, os exemplos passados por estes que atuaram no movimento estudantil na época da ditadura se perpetuam, reconstruindo um movimento que cada dia mais cresce nos mais variados ambientes.

Este trabalho nos mostrou, como pesquisadores numa primeira incursão sobre o tema,o desenvolvimento desta visão sobre o movimento, a forma como o movimento se modificou durante o tempo. Na pesquisa, pode-se constatar que foram grandes as conquistas, mas ainda há muito a ser conquistado.

Algo que nos lembra a importância do movimento estudantil e sua força como formador, foi a criação do Movimento Passe Livre (MPL), que entrou neste trabalho para exemplificar como o desenvolvimento desses processos de militância geram grande impacto na sociedade. Os movimentos de Junho que se espalharam por todo o Brasil, tiveram repercussão internacional, nos cartazes que as pessoas carregavam havia pedidos de paz, para que fossem presos os políticos corruptos, pelos direitos das empregadas domesticam, enfim, clamavam por justiça.

A juventude enquanto série de possibilidades sociais nos oferece perspectivas de desenvolvimento para a sociedade, uma vez que o jovem é gerado em determinado momento histórico comum com outros indivíduos. Foi desta forma que buscamos entender as peculiaridades dessa juventude, em que movimentos políticos estão cada dia mais presentes nos coletivos políticos, pois é a partir de sua busca por identidade que novas gerações iniciam um processo de formação ética, política e cultural dinamizando o seu papel enquanto agente transformador de seu contexto.

Fica-nos evidente o papel da juventude enquanto engrenagem transformadora da sociedade. Talvez por ser impulsiva e estar quase sempre com uma sede de revolta, a juventude toma para si um papel fundamental para a formação políticas das próximas gerações. Ir para a rua protestar se torna quase uma regra para nós militantes. Vemos nossas atitudes refletir em prisões de corruptos, vemos que novamente o movimento estudantil fica mais forte. Nossa voz agora é escutada e respeitada, até por aqueles que antes achavam que militar era perda de tempo.

O movimento estudantil se reinventa, fica com uma nova cara, muda sua forma de lutar. É fundamental agora as formações, principalmente para que estes novos sujeitos que entram no movimento compreendam a dinamicidade que a militância possui. O militante torna-se educador do outro, e de si próprio, assumindo a responsabilidade de construir uma nova sociedade.

Assim, fica claro o papel dos movimentos políticos enquanto lócus formador, onde os estudantes e outros grupos se organizam de forma coletiva para que se criem possíveis ações de mudança, indo além de reproduções de pensamentos e ações do status quo que já estavam estabelecidos desde o momento em que nasceram.

Há gerações, os estudantes vêm fazendo acontecer, protestando em passeatas, em universidades, nas ruas, com o intuito de melhorias pra toda a sociedade, pedindo desde boas salas de aula até melhores serviços básicos a toda a população, lutando pela liberdade de expressão para que o país evolua, para que haja coletividade, onde desde uma pequena comunidade até todo o território nacional usufrua do que merecem por direitos.

E, nesta análise, feita sobre a juventude e sobre sua luta enquanto militância percebemos a natureza do processo de educação não formal e a importância deste para o fortalecimento do processo de formação e atuação política. Ésabendo que há muito a ser feito que estes movimentos irão continuar acontecendo, com os mais variados grupos de jovens e outros cidadãos dispostos a não serem unicamente reprodutores em suas gerações, mas construtores de suas histórias.

REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BASSALO, Lucélia De Moraes Braga**. Entre sentidos e significados:** Um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas**.** Brasília: UnB, 2012, 255 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FEIXA, Carles.**Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, vol. 4, núm. 2,** julio-diciembre, 2006.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

IANNI, Octavio. **Sociologia da sociologia – o pensamento sociológico brasileiro**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

MISCHE, Ann. **De estudantes a cidadãos: r**edes de jovens e participação política. Revista Brasileira de Educação,1997, n 5-6. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200012&lng=pt&nrm=iso>.Acesso em: 07 dez. 2013

MANSAN, Jaime Valim.**O Ministério da Educação e Cultura e o controle do campo do ensino superior durante o governo Costa e Silva (1967-1969)**.Rio Grande do Sul: PUC, 2012.

PAULA, Lucília Augusta Lino de. **Protagonismo juvenil e movimento estudantil: uma estratégia de distinção?** Rio de Janeiro: PUC, 2003.

SILVA, Fabiano P. A sociologia brasileira e os primeiros estudos sobre a juventude e o universo estudantil. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais – CAOS**. Universidade Federal da Paraíba, no. 16, set. 2010.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. **Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas coletivas.** Florianópolis: UFSC, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal.** Rio de Janeiro: Educação e Realidade, 2008.

VICTORIANO, Benedicto A. D.& Garcia, Carla C. **Produzindo Monografia**. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

PARÁ, Diário do. **Pará tem protestos por melhoria em sete municípios, Belém,18 jun**. 2013. Disponível em:<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-169623fPARA+TEM+PROTESTOS+POR+MELHORIA+EM+SETE+MUNICIPIOS.html> acessado em 07 dez. 2013

VILLELA, Fabiano. **Sede da prefeitura de Belém é atacada em dia de protestos**. O Liberal, Belém, 21 jun. 2013. Disponível em:<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/06/sede-da-prefeitura-de-belem-e-atacada-em-dia-de-protestos.html> .Acesso em 07 dez. 2013

SÓTER, Gil & MELLO, Natália. **Manifestação em Belém reuniu mais de 13mil pessoas**. O Liberal, Belém, 17 jun. 2013 Disponível em:<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/manifestacao-em-belem-reuniu-10-mil-pessoas-diz-policia-militar.html> .Acesso em 07 dez. 2013

MPL – MOVIMENTO PASSE LIVRE. **"Primeiras chamas": os atos regionais que inauguraram as jornadas de julho**. São Paulo, 13 set. 2013. Disponível em:<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/09/13/primeiras-chamas-os-atos-regionais-que-inauguraram-as-jornadas-de-junho/> Acesso em 07 dez. 2013

BRAZILIENSE, Correio. **Quase 2 milhões de brasileiros participam de manifestações em 438 cidades**. Brasília, 21 jun, 2013. Disponível em:<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml > Acesso em 07 dez. 2013

NEGÓCIOS, Jornal de. **Brasil preparado para os maiores protestos desde o início das manifestações**. São Paulo, 20 jun. 2013. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/economia/educacao/detalhe/brasil_preparado_para_os_maiores_protestos_desde_o_inicio_das_manifestacoes.html> acesso em 07 dez. 2013